

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A PATERNIDADE: UMA VIVÊNCIA DO ADOLESCENTE PAI

*The social representations concerning to fatherhood: A teenager
father's experience*

Maria Célia Ferreira Danese
ENSP/Fiocruz | FASB

Débora Rosa da Silva
FASB

Juliane do Nascimento Silva Exaltação
FASB

RESUMO

Este trabalho retrata os aspectos subjetivos à paternidade na adolescência, bem como os fatores de risco relacionados ao fenômeno da gravidez nesse período, que é considerada uma problemática de grandes proporções na sociedade atual. Tem como objetivo explorar o “mundo” da paternidade por meio dos principais atores envolvidos neste processo, as implicações sociais decorrentes de uma gravidez vivenciadas pelo pai adolescente, além dos impactos das mudanças nesta fase da vida. Para o presente estudo utilizou-se da Teoria das Representações Sociais para fundamentá-lo e de um questionário semiestruturado para coleta de dados. Conclui-se com este trabalho que o contexto familiar está diretamente relacionado aos fatores da gravidez na adolescência e que o pai, também envolvido neste processo, fica a mercê no que diz respeito aos programas de assistência à saúde. Palavras-chave: Adolescência; Gravidez na Adolescência; Paternidade Adolescente.

ABSTRACT

This work depicts the subjective aspects of paternity in adolescence and risk factors related to the phenomenon of pregnancy in this period, which is considered a problem of huge proportions in today's society. Aims to explore the “world” of fatherhood through the main actors involved in this process, the social implications of a pregnancy experienced by adolescent fathers, besides the effects of the changes at this stage of life. For this study we used the Theory of Social Representations to ground it and a semistructured questionnaire to collect data. We conclude in this work that the family context is directly related to the factors of teenage pregnancy and his father, also involved in this process, is mercy with regard to health care programs.

Keywords: Adolescence; Pregnancy in Adolescence; Teen fatherhood.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e comportamentais. Não se pode definir com exatidão o início e fim da adolescência (ela varia de pessoa para pessoa), porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade (período definido pela OMS – Organização Mundial da Saúde).

É nesta fase da vida que a sexualidade se aflora e muitas vezes por desconhecimento ou descuido, muitos adolescentes tornam-se mães e pais sem estarem devidamente preparados para assumirem tão sério compromisso.

Tendo em vista o crescente número de adolescentes grávidas, percebeu-se a necessidade de investigar aspectos subjetivos associados à paternidade adolescente, já que o tema da gravidez surge de forma frequente como uma preocupação da mulher e não do homem.

A visão da gravidez na adolescência apresentada em inúmeros estudos é a que tem como foco de observação a mulher que a vivencia. Entretanto, o jovem pai vê-se às margens do amadurecimento precoce, sob a responsabilidade da criação de um novo ser, que também lhe é atribuída, não tendo este, a mesma atenção dada às meninas mães, seja no aspecto familiar, social e principalmente dos órgãos públicos de saúde.

O adolescente masculino faz parte de um ciclo de vida que não tem o hábito de frequentar as unidades de saúde e quando o fazem estão em situação de doença para ser atendido em consulta médica. Diante do grande número de adolescentes grávidas, esse número é proporcional ao de pais adolescentes que precisam ser acolhidos e cuidados para assumirem a paternidade.

O objetivo do estudo, portanto, é, baseando-se na Teoria das Representações Sociais – TRS, explorar este “mundo” da paternidade adolescente, por meio dos principais atores envolvidos neste processo, conhecendo a subjetividade do jovem pai, dando-lhe voz para expor seus sentimentos e emoções, na tentativa de quebrar esses estigmas do silêncio, concernente ao tema já explicitado; também detectar e analisar as implicações sociais decorrentes de uma gravidez vivenciadas pelo pai adolescente; traçar o perfil dos sujeitos que participaram desta pesquisa, identificando as transformações que ocorreram em seu cotidiano após a gravidez e compreender de que forma esses jovens pais foram impactados pelas mudanças que ocorreram nesta fase de suas vidas.

2 METODOLOGIA

Este estudo quanto à abordagem é de caráter qualitativo e quanto ao objetivo é de caráter descritivo. A abordagem qualitativa permite ao pesquisador analisar dados, sem empregar a estatística, como indicadores do

funcionamento de estruturas sociais, permitindo um maior aprofundamento dos comportamentos ou atividades dos indivíduos (SOARES, 2003).

Segundo Minayo (1995, p.21-22):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa descritiva é aquela que tem por finalidade a elucidação dos fenômenos pesquisados, uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008).

A pesquisa foi realizada nos domicílios dos jovens pais, nas cidades de Teixeira de Freitas/Bahia, cadastrados na Unidade de Estratégia de Saúde da Família Urbis II e Itamaraju, cadastrados na Unidade de Estratégia de Saúde da Família Novo Prado. Observou-se, nos dois locais, que os adolescentes nunca usaram as unidades de saúde, tendo sido localizados pelos agentes comunitários de Saúde (ACS).

Foram selecionados nove participantes do sexo masculino que se tornaram pais na adolescência considerando a faixa etária entre 12 e 18 anos de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Os jovens foram abordados de acordo com suas disponibilidades, com dia e hora marcados pelos ACS das respectivas áreas de abrangência. Foi apresentado o objetivo do estudo e a metodologia e solicitada sua participação. Eles assinaram o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme Res. 196/96 do CNS (Conselho Nacional de Saúde).

A pesquisa realizada baseou sua coleta de dados a partir da elaboração de um roteiro, o qual assegurou respostas que pudessem refletir o pensamento dos adolescentes masculinos e as representações sobre o fenômeno da paternidade.

Foi aplicado um questionário semiestruturado, com a identificação demográfica do pesquisado e questionamentos sobre o tema do estudo. O instrumento de pesquisa consta de dezenove questões, sendo quinze fechadas e quatro abertas.

Os dados referentes à identificação dos pais foram analisados e as falas foram avaliadas através da análise de conteúdo que segundo Bauer e Gaskell (2002, p.191):

É uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. É em última análise uma categoria de procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social.

A análise de conteúdo é um instrumento de pesquisa científica com múltiplas aplicações, principalmente nos atuais estudos da ciência da enfermagem.

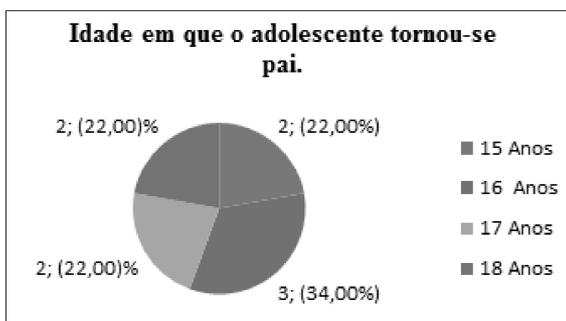
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo dos sujeitos entrevistados é composto por rapazes que já haviam tido filhos, de tal forma que um primeiro desdobramento da GA é o fato de que a gravidez foi levada a termo e, portanto, estes rapazes se tornaram pais – ao menos do ponto de vista biológico.

Foram aplicados 12 questionários, mas foram analisados nove que estão dentro dos critérios estabelecidos: pais adolescentes, que aceitaram participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que responderam todas as perguntas.

Entre os nove que participaram da pesquisa dois ainda são considerados adolescentes com 17 e 18 anos, quatro tem 19 anos, e três acima de 20 anos.

Gráfico 1 - Idade em que o adolescente tornou-se pai



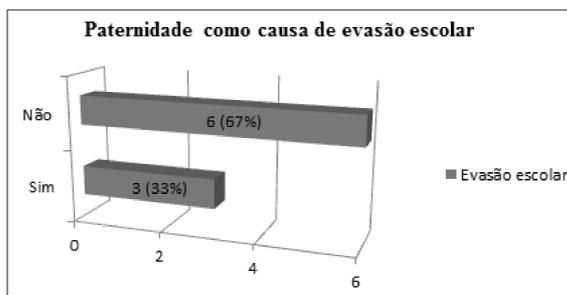
Fonte: Dados primários da pesquisa

A paternidade no presente estudo aconteceu a partir dos 15 anos de idade, sendo que a incidência maior 3 (N) 34% com 16 anos.

A maioria dos adolescentes tornam-se pais em um período muito conturbado da vida. Um momento de mudanças físicas e emocionais e principalmente pela paternidade não ser fruto de algo pensado, mas sim de uma iniciação sexual precoce e sem prevenção.

A GA gera vários problemas sociais, entre eles a interrupção do processo de escolarização do jovem, contribuindo para diminuir suas chances futuras de adquirir melhores postos de trabalho, dificultando o acesso social e econômico (CABRAL, 2003).

Gráfico 2 - Paternidade como causa de evasão escolar



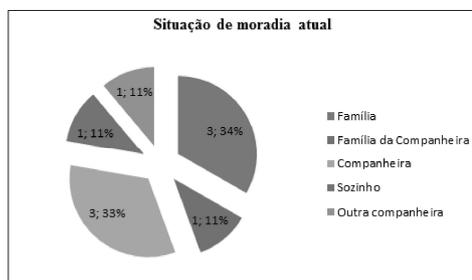
Fonte: Dados primários da pesquisa

Após a descoberta da gravidez, boa parte dos pais adolescentes abandonam os estudos para trabalhar. Neste estudo, 3 (N) 33% dos jovens abandonaram a escola diante da situação de paternidade precoce e 6 (N) 67% continuaram com os estudos.

O trabalho é tido como principal argumento para aqueles que se deparam, em seu percurso, com uma futura paternidade e deixam de estudar para trabalhar. Cabral (2003) afirma que em determinada classe social a ausência de escolaridade ou sua interrupção prematura são alguns dos fatores explicativos da gravidez na adolescência, a qual traz como consequência, para os jovens do sexo masculino das camadas populares, o aumento das dificuldades, desinteresse ou inviabilização de suas tentativas de retorno à escola.

É certo também que a pouca escolarização obtida pode trazer futuramente maiores dificuldades para estes adolescentes relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho e nível de renda.

Gráfico 3- Situação de moradia atual.



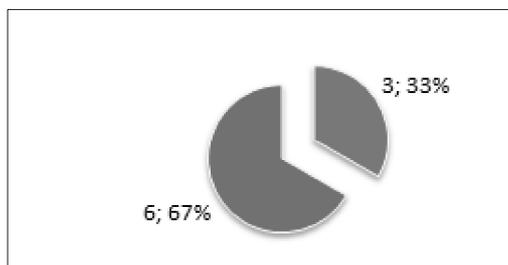
Fonte: Dados primários da pesquisa

Meincke et al. (2011, p. 455) que fizeram levantamentos sócio demográficos da realidade dos adolescentes pais afirmam:

Os pais jovens permanecem residindo com a família de origem, devido às dificuldades econômicas, visto que a maioria deles não possui estabilidade profissional, em decorrência da idade e do contexto de marginalidade no qual estão inseridos, tornando-se dependentes do apoio da família. Em contrapartida, em outro estudo, averiguou-se que pouco mais da metade de pais e de mães jovens não moram com a própria família ou responsáveis. Esses estudos mostram as divergências no que diz respeito à situação de moradia dos pais adolescentes.

A pesquisa mostrou também que 3(N) 34% dos entrevistados residem atualmente com a própria família; 3 (N) 34% moram com suas companheiras; 1 (N) 11% mora sozinho; 1 (N) 11% mora junto à família da companheira; e 1 (N) 11% mora com nova companheira.

Gráfico 4 - Diálogo sobre sexo com os pais



Fonte: Dados primários da pesquisa

Muitos pais não têm preparo ou liberdade de falar sobre sexo com os filhos. Em muitos casos este assunto é abortado do seio familiar, sendo às vezes proibido ou tratado de forma inadequada por meio de brincadeiras e piadas, mas sem a preocupação efetiva de informar e educar o jovem. Por outro lado, na escola, a educação sexual não é ofertada como disciplina específica, sendo o assunto abordado de forma insuficiente dentro da disciplina de Ciências.

Os adolescentes procuram conhecimento sobre sexo na rua com os colegas, amigos e através da televisão, internet e revistas, de forma inadequada e errônea. Estas fontes de (des)informação é que deixam o jovem desprotegido frente as consequências do ato sexual sem responsabilização e cuidado.

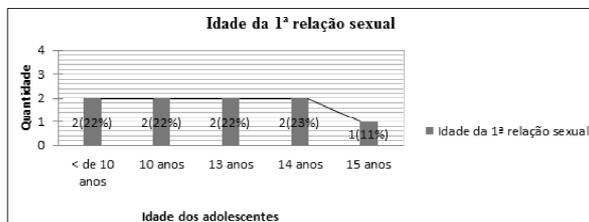
Dentro deste contexto temos também a omissão do serviço de saúde que não faz uma abordagem adequada com o adolescente sobre sexo e sexualidade.

Embora os pais estejam preocupados com os filhos ante os problemas da sociedade atual, sentem-se despreparados para dialogar com eles sobre a sexualidade (CANO; FERRIANI, 2000). Conforme os resultados, 6 (N) 67% dos entrevistados não conversavam abertamente sobre sexo com seus pais; e 3 (N) 33% afirmaram falar sobre o assunto em casa.

Os primeiros educadores sexuais deveriam ser os pais, mas por diversas razões, entre elas, a vergonha de abordar o assunto, questões religiosas e a maneira como os pais foram educados sexualmente, impedem a abordagem aberta sobre sexualidade no espaço familiar (BRUZAMARELLO, 2010).

A omissão de informação da família, escola e serviço de saúde prejudica o adolescente que vai buscá-la de forma inadequada, com pessoas despreparadas recebendo informações errôneas.

Gráfico 5- Idade da 1ª relação sexual



Fonte: Dados primários da pesquisa

Quando questionados sobre o início de suas atividades sexuais, os adolescentes responderam ter começado com menos de 10 anos até os 15 anos de idade. Estes dados sugerem uma iniciação sexual muito precoce na fase da adolescência.

Segundo o MS, o início da vida sexual ativa na faixa etária dos 10 aos 14 anos de forma precoce ou sem proteção para DST/AIDS e gravidez, configura como situação de risco para os adolescentes.

A probabilidade de contaminação por DSTs nesta faixa etária é maior, considerando que esta fase da adolescência é marcada pela ausência de prevenção sexual.

Gráfico 6- Adolescentes em situação de trabalho



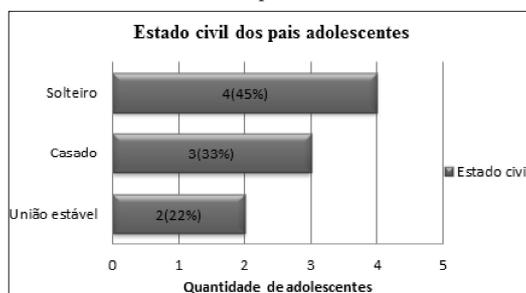
Fonte: Dados primários da pesquisa

De acordo com as respostas do questionário, 5 (N) 56% dos entrevistados não trabalham e 4(N) 44% trabalham. Esta informação se relaciona com os dados referentes aos que assumiram e/ou vivem com suas companheiras.

Como a pesquisa abordou a clientela pais na adolescência, dos quatro pesquisados que trabalham, todos já estão fora da faixa etária considerada para o estudo (de 12 a 18 anos, conforme o ECA).

Esta informação também corrobora a tabela 1 que se refere à renda mensal onde 6 (N) 66% não tem renda ou ela é menor que um salário mínimo e os demais recebem mensalmente dois ou mais salários. Além disso, adolescentes cuja renda familiar se classifica entre as mais pobres, quase não tem nenhuma chance de completar o 2º grau após o nascimento de um filho (CABRAL, 2003). Esta realidade deixa-os à margem da escalada social.

Gráfico 7- Estado civil dos pais adolescentes.

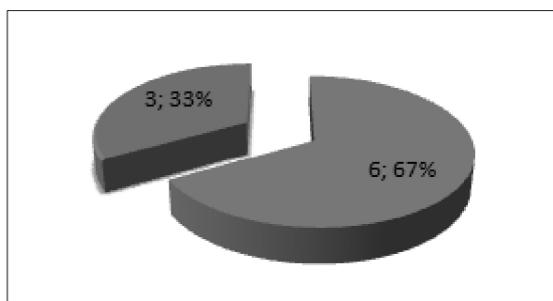


Fonte: Dados primários da pesquisa

O gráfico 7 mostra que 5 (N) 55% estão casados ou tem união estável e 4 (N) 45% continuam solteiros. Esta informação está condizente com estudos que afirmam que o adolescente muitas vezes é obrigado a constituir família mesmo sem a oficialização de fato. Estas uniões nem sempre duram muito.

Segundo Almeida e Miranda (2009), as gestações pré-matrimoniais estão relacionadas com o rompimento dos casamentos, pois de cada 4 matrimônios neste tipo de situação, 3 acabam em divórcio, sendo que pais jovens têm maiores probabilidades de desajustes e desagregação familiar.

Gráfico 8- Situação Escolar



Fonte: Dados primários da pesquisa

De acordo com o gráfico 8 percebe-se que a gravidez não é causa de abandono escolar pelos pais adolescentes, 6 (N) 67% continuaram seus estudos e 3 (N) 33% desistiram da escola. Carvalho e Matsumoto (s.n.t.) afirmam que a gravidez na adolescência leva na sua grande maioria à evasão escolar, não só da adolescente como do pai da criança, que em muitos casos tem que trabalhar para sustentar a família.

Problemas educacionais e abandono da escola são fatos constantes no caso de uma gestação na adolescência, tanto para a gestante quanto para o futuro pai adolescente. Quanto à educação formal, a paternidade na adolescência está associada a baixos níveis de escolaridade. Estes indicadores de baixa escolaridade independem da etnia do pai adolescente e do fato de viver ou não com a criança (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2004).

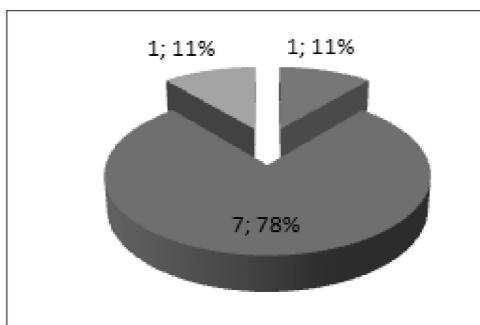
A análise dos gráficos 9 e 10 foi feita relacionando as variáveis conhecimento do programa de Planejamento Familiar e o uso de contraceptivos.

As fontes de informações sobre formas de prevenção de gravidez não sensibilizam todos os adolescentes. Muitos nas suas primeiras relações sexuais revelam não terem utilizado nenhum método contraceptivo. Além

disso, vale ressaltar a não inclusão do jovem no programa de Planejamento Familiar. Mendonça e Araújo (2010, p. 1043) ressaltam que:

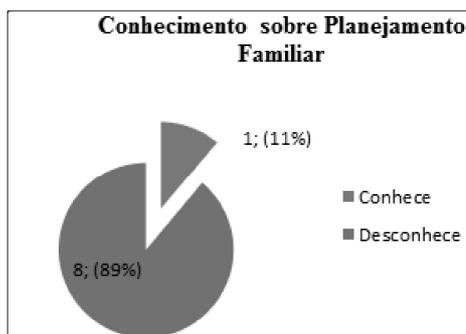
Embora o país conte com a implantação de programas de saúde com extensão de cobertura populacional em muitas localidades, como é o caso da Estratégia de Saúde da Família (ESF), muitos jovens ainda não têm acesso à informação e aos serviços adequados ao atendimento de suas necessidades de saúde sexual e reprodutiva, o que os estimula a tomar decisões de maneira livre e responsável.

Gráfico 9- Uso de método contraceptivo



Fonte: Dados primários da pesquisa

Gráfico 10 - Conhecimento sobre Planejamento Familiar



Fonte: Dados primários da pesquisa

De acordo com as respostas avaliadas 7 (N) 78% afirmaram não fazer uso de nenhum contraceptivo, 1 (N) 11% fazia uso esporádico e 1(N) 11%

afirmou fazer uso, mas não sabe se de maneira correta. Esta análise é complementada com o gráfico 10 onde apenas 1(N) 11% tem conhecimento do Programa de Planejamento Familiar.

Acerca das respostas das questões abertas, podemos destacar os seguintes tópicos:

a) sentimento quando soube que ia ser pai

A ausência de planejamento da gestação contribuiu para o surgimento de sentimentos de ansiedade, dúvida e medo por parte dos adolescentes, fazendo com que alguns dos entrevistados, ao serem informados da paternidade, utilizassem mecanismos, como a negação, a fim de enfrentar a situação inesperada. (NOGUEIRA et al. 2011).

Os sentimentos que foram apontados quando da notícia da paternidade variaram entre o medo, preocupação, raiva, fúria e desespero.

No primeiro momento eu tive medo, até chorei. Depois não liguei mais, eu era muito novo. (Adol. 1)

Tive medo, mas depois nem importei. Ela já era mãe, era o 2º filho e tinha 25 anos. (Adol.2)

Na hora fiquei me achando mais macho que meus colegas, depois é que vi a responsabilidade, caiu a ficha. (Adol. 4).

O medo e ansiedade sentidos em relação à paternidade foram explicados tendo em vista o modelo do pai provedor muito presente em nossa sociedade. Nesta concepção que permeia os discursos do senso comum e até mesmo científico, ser pai é, sobretudo, ser o provedor, responsável financeiramente pelo filho, ficando os cuidados afetivos e morais a cargo das mães (NOGUEIRA et al. 2011).

Fiquei furioso, dei dinheiro pra ela aborta o filho. (Adol.5).

Fiquei chateado com raiva de me mesmo. (Adol. 6).

As reações negativas e agressivas podem ter sido decorrentes da própria ambiguidade da fase da adolescência, ao não planejamento da gravidez tanto no aspecto psíquico, econômico, familiar e social.

b) reação da família

No começo, alguns pais ficam assustados e não querem saber de assumir a responsabilidade, mas depois de alguns dias, assumem. Alguns deixam seus filhos morarem na mesma casa e ajudam a cuidar do bebê. Mas tem pais que não aceitam a gravidez dos filhos, porque acham que estes não têm idade para cuidar de uma criança e não permitem que seus filhos vivam na mesma casa.

As respostas desta pergunta foram variadas. Alguns pais se manifestaram positivamente, outros não aceitaram a princípio, um isentou-se da responsabilização pelo filho enviando-o para outra cidade.

Ficaram felizes, sou filho único, agora tem um bebê na família. Minha mãe é que ajuda a criar. (Adol. 4).

Ficaram muito bravos comigo e com ela, obrigaram a gente a casar. Foi bom, criou juízo. (Adol. 3).

Me mandaram morar com uma tia em outra cidade, quando voltei depois de dois anos, a menina com a criança não morava mais lá. Eu não conheço o meu filho. (Adol.1).

Não falaram nada, eles nunca falam nada. (Adol. 2).

As relações estabelecidas entre pais e filhos adolescentes e o impacto dos estilos parentais são importantes para a formação de caráter e personalidade. Nesta fase da vida estão presentes inúmeras adaptações e mudanças nas habilidades interpessoais e, por isso, torna-se importante um ambiente familiar que ofereça acolhimento e orientação necessários diante da complexidade das emoções vivenciadas. A rigidez disciplinar e as dificuldades de diálogo podem interferir na vida familiar e social do jovem.

Da tipologia de estilos parentais, definida a partir dessas dimensões, derivam quatro estilos: autoritativo, negligente, indulgente e autoritário. O termo autoritativo caracteriza o estilo parental que combina elevados níveis de controle e de afetividade. Essa expressão é amplamente utilizada na literatura brasileira. Pais com elevada responsividade, manifestação de afeto e apoio, ao mesmo tempo em que exigem e realizam de forma apropriada o exercício de autoridade e de colocar limites, são classificados como autoritativos. Pais que apresentam níveis baixos de responsividade e de demonstração de afeto e controle, sem manifestar interesse nas atividades, companhias e preocupações dos filhos, são considerados negligentes. Indulgentes são aqueles muito afetivos, mas pouco exigentes. Os autoritários manifestam um padrão elevado de exigência, com predomínio da imposição de regras, sem perceber relevância nas opiniões dos filhos. São pouco afetivos, demonstrando diminuído apoio ao adolescente (BENCHAYA, 2011).

c) expectativa sobre o futuro da criança

Muito já se falou sobre a influência das expectativas dos pais na vida dos filhos. Alguns especialistas salientam a influência negativa, outros mostram como é necessário que os filhos tenham um caminho traçado pelos pais. Os pais adolescentes têm sentimentos diversos sobre o futuro de seus filhos.

Vou fazer tudo para ele ser melhor do que eu, ter melhor futuro, sabe. Quero arranjar um emprego pra casar, meu pai fez um quarto para nós, só falta o emprego. (Adol. 4).

Estou investindo para que ele seja um cara realizado na vida. Ele é uma figurinha muito legal. (Adol. 3).

Espero que tenha um bom futuro, sei que a mãe mora em Portugal e a criança é criada por uma família mas não sei onde, ela foi doada (Adol. 1).

Em virtude das dificuldades geradas pela paternidade na adolescência, muitos autores sugerem que os adolescentes não desejam se envolver com o bebê e assumir as responsabilidades da paternidade. No entanto, a ideia do não envolvimento é contraposta em outras pesquisas que indicam que os pais adolescentes demonstram um desejo de participar do cuidado da criança e permanecem em contato com o bebê após seu nascimento (LEVANDOWSKI, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

presente estudo, pôde-se observar que a gravidez na adolescência está diretamente relacionada com o contexto familiar, tendo em vista que, a família possui grande influência na solidificação do processo de maturação, entretanto baseando-se nos dados informados, detectou-se ausência total ou parcial de diálogo na família, em decorrência de alguns tabus ainda existentes na sociedade e constrangimento entre pais e filhos para discorrer sobre sexualidade, simultâneo ao fato de que a puberdade é o momento de modificações físicas e ápice do interesse para o início da atividade sexual.

Observou-se ainda que uma pequena parte dos adolescentes pais abandonou os estudos para trabalhar em decorrência da gravidez da parceira. Isto pode acarretar o aumento das dificuldades, desinteresse ou inviabilização de suas tentativas de retorno à escola, além de futuros transtornos relacionados à sua inserção no mercado de trabalho e nível de renda, o que configura uma realidade difícil para administrar as necessidades financeiras que surgem com a chegada do bebê.

Percebeu-se também que os jovens conhecem os métodos contraceptivos, porém, não os usam. A mesma sociedade que os incentiva a ter a primeira relação sexual não tem capacidade de acolhimento a esses jovens. Neste sentido, deve-se ressaltar que apenas dar informações técnicas aos adolescentes não é o bastante. Torna-se necessário então, que os jovens sejam orientados em casa, na família, onde possam se sentir à vontade para fazerem questionamentos e expressarem suas dúvidas, medos e desejos. Esse canal de comunicação precisa e deve também ser criado e mantido com as adolescentes.

Contudo, a falta de planejamento familiar colaborou para que surgissem sentimentos negativos com relação ao advento da paternidade, como medo, preocupação, raiva e desespero, o que dificulta o vínculo afetivo-emotivo, interesse pelo cuidado paterno, ou seja, fatores inerentes à aquisição de uma paternidade presente.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. F.; MIRANDA, D. C. Avaliação de gestantes adolescentes no município de capelinha. **Revista Enfermagem Integrada**. Ipatinga: Unileste-MG, v. 2, n. 1, Jul/Ago. 2009.
- BAUER, M. V. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENCHAYA, M. C. et al. Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes. **J. Pediatr. (Rio J.)** Porto Alegre, v. 87, n. 3, p. 238-244, Jun, 2011.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- _____. Ministério da Saúde. **Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**. Diário Oficial da União. 10 de outubro de 1996.
- BRUZAMARELLO, B. **Educação sexual de adolescentes nas escolas: um olhar sobre o cenário brasileiro**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/28284/000770285.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- CABRAL, C. S.; **Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro**. **Cad. Saúde Pública**. v. 19, Rio de Janeiro, 2003.
- CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C. A família frente à sexualidade dos adolescentes. **Acta Paul Enf.** São Paulo, v.13, n.1, p. 38-46, 2000.
- CARVALHO, M. B.; MATSUMOTO, L. S. **Gravidez na adolescência e a evasão escolar**. (s.n.t.). Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1868-8.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LEVANDOWSKI, D. C. **Paternidade na adolescência: expectativas, sentimentos e a interação com o bebê**. Dissertação de mestrado profissional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.
- LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.** São Paulo, v. 14, n. 1, p. 49-62, 2004.

MEINCKE, S. M. K. et al. Perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes. **Rev. enferm. UERJ**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 452-456, jul/set, 2011.

MENDONÇA, R. C. M.; ARAÚJO, T. M. E. A análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 63, n. 6, p. 1040-1045, nov-dez, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 1995.

NOGUEIRA, M. J. et al. Depois que você vira um pai...: adolescentes diante da paternidade. **Rev. Adolec. Saúde**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 28-34, jan/mar, 2011.

SOARES, E. **Metodologia científica**: lógica, epistemologia e normas. São Paulo: Atlas, 2003.